

OFICINA DE MEMÓRIAS: EXPERIÊNCIAS NARRADAS DE DISCENTES DA UATI/UFCG ACERCA DOS SEUS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM CONTEXTO PANDÊMICO

Jackeline Pereira Mendes¹
Janiely Ferreira Lopes²
Aline Maria da Silva Gabriel³
Keila Queiroz e Silva⁴

RESUMO

Desde o ano de 2020, o Brasil e o mundo vêm enfrentando diversos problemas relacionados a pandemia e, conseqüentemente, a área da educação também vem enfrentando inúmeros desafios neste novo cenário. Nesse contexto, este trabalho justifica-se por ser o resultado da solicitação feita pela professora Dr.^a Keila Queiroz e Silva, referente à avaliação conclusiva da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta é uma pesquisa qualitativa, baseada na metodologia da história oral. Como objetivo, procuramos compreender, por meio das narrativas orais de três alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Federal de Campina Grande, (UATI/UFCG) – as senhoras Júlia, Rosa e Mundinha – aspectos ligados aos desafios e aprendizagens que as perpassaram e perpassam nesta atual conjuntura. Constatamos que a história das UATI's nasceu da possibilidade de ser um projeto de inserção das pessoas idosas na educação permanente, investindo na construção de um envelhecer bem. Assim também segue a UATI da UFCG, que teve sua inauguração presencial, mas suas atividades iniciaram remotamente. Nesse sentido, as narrativas das alunas apontam, uma visão positiva do ensino remoto, aprendizagens com os outros e sob elas próprias, e como cada uma conseguiu lidar com os desafios que surgiram diante da experiência pedagógica virtualmente. A UATI/UFCG tornou-se uma instituição fundamental no atual contexto, enquanto uma fonte de aprendizagem e aquisição de novos saberes, bem como a conquista de um lugar de acolhimento e superação da solidão dos senescentes na pandemia, por meio da educação digital intergeracional.

Palavras-chave: Narrativas. Contexto pandêmico. Inclusão digital. UATI/UFCG.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2020, o Brasil e o mundo vêm enfrentando o que, com certeza, ficará para a história como uma das pandemias mais assustadoras e devastadoras de

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: mendesjackeline.ufcg@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: Janiely.ferreira.lopes@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: alinegabriel2000.silva@gmail.com.

⁴ Professora de História na Unidade Acadêmica de Educação e no Programa de pós-graduação de História; Coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade e líder do grupo de pesquisa Educação Intergeracional, Patrimonial e Ambiental: estudos rurais e urbanos na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: keilaqueirozesilva@gmail.com.

todos os tempos, a COVID-19, também conhecida como coronavírus. Em outros diversos momentos na história, homens e mulheres já enfrentaram outras pandemias. Contudo, por mais que se tenha diversos exemplos e que a ciência já tenha sofrido muitos avanços, nada preparou a humanidade para enfrentar esta atual situação.

As dificuldades e impactos que surgiram e estão surgindo com a atual conjuntura mostram sérios problemas de estrutura e desorganização governamental para lidar com as problemáticas atuais. As áreas como são o caso da saúde, economia e educação sofrem com as consequências deste vírus letal. Esta última, a qual pretende-se destacar mais propriamente. No início, as atividades das instituições de ensino foram paralisadas, entretanto, quando se constatou a incerteza para voltar ao ensino presencial surgiu a alternativa do ensino remoto, no qual, plataformas como: Google Meet, Google Classroom, Youtube, Google Drive, StreamYard, passaram a ser as utilizadas como ferramentas suporte para esse novo sistema de ensino, como apontam Pasini, Carvalho e Almeida (2020). Neste novo cenário, educadores(as) e educandos passaram a inserirem-se na rotina das aulas remotas.

Além das consequências físicas, a dimensão emocional das pessoas também é atingida devido a principal medida de enfrentamento da doença, o distanciamento social/quarentena. Partindo desse pressuposto, é possível refletir sobre as experiências narradas de alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI); neste caso, a da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Este trabalho justifica-se por ser oriundo da solicitação feita pela professora Dr.^a Keila Queiroz e Silva, referente à avaliação da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), como critério para obtenção de nota da segunda unidade, realizado durante o período de ensino remoto extraordinário 2020.1e (realizado entre fevereiro e maio de 2021) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Sendo assim, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseado na metodologia da história oral, a qual nos respaldamos no estudo de Bosi (2003), com o objetivo de compreender, por intermédio das narrativas orais de três alunas da UATI/UFCG, aspectos ligados aos desafios, problemas e aprendizagens que as perpassaram e perpassam nesta atual conjuntura pandêmica.

Nesse sentido, a fim de refletir sobre tal experiência e dar subsídio à construção do referencial teórico-metodológico, foram utilizados autores como Beauvoir (2018); Bosi (2004); Freire (2015; 2019a; 2019b); Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2015);

Palú, Schutz, Mayer (2020); Pasini, Carvalho e Almeida (2020); Santos (2020); Silva (2008); Veras e Caldas (2004) e Vigotski (2014). Com o auxílio desses autores, pudemos formular reflexões e tecer considerações acerca do atual cenário brasileiro, da importância da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) e das riquezas experienciais compartilhadas por meio das narrativas das discentes.

Ademais, no tocante a estruturação do presente trabalho, primeiro traçamos breves considerações a respeito da história da constituição das Universidade Aberta à Terceira Idade, dando ênfase a UATI da Universidade Federal de Campina Grande. Em seguida apresentamos a experiência com as alunas da UATI/UFCG e suas narrativas; e por último, tecemos algumas considerações acerca do trabalho desenvolvido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) como um projeto de valorização da pessoa idosa: tecendo breves considerações

Pensar sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, é pensar em uma relação de continuidades e descontinuidades pautadas na luta constante por um direito à educação. Nesse cenário, muitas iniciativas foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos, como foi o caso dos projetos desenvolvidos pelo educador Paulo Freire, como a tão conhecida iniciativa de alfabetização de Angicos/RN; o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e posteriormente o EDUCAR, a título de exemplos.

Partindo dessa premissa, a educação pública brasileira, apesar de carregar esse nome que se remete a um todo coletivo, mostra-se, pelo contrário, seletiva e excludente. Isso porque, a velhice na sociedade ocidental contemporânea está associada ao desligamento da participação ativa do idoso tanto no cenário escolar, quanto no cenário social de modo geral, levando os sujeitos que se encontram enquadrados como membros da terceira idade à classificação de indivíduos não escolarizáveis e omitidos pela própria escola (SILVA, 2008).

Pode-se considerar que esse pensamento moderno de classificar o idoso como a figura daquele que já viveu tudo o que tinha para viver, apresenta-se enquanto excludente e prejudicial aos demais indivíduos sociais. Quando o idoso é colocado à margem da sociedade, crianças, jovens e adultos só têm a perder, devido a impossibilidade do compartilhamento de experiências positivas e, conseqüentemente, o

desenvolvimento criativo, dado que, como argumenta Vigotski (2014), apesar do princípio criativo ser ontológico aos sujeitos humanos, para que haja o seu desenvolvimento, o estabelecimento de relações entre as pessoas é extremamente necessário, em especial de gerações diferentes, considerando que é por meio das relações sociais que a criatividade vai desenvolvendo-se e que, quanto mais idade o sujeito tem, mais experiências também terá acumulado. Ou seja, o idoso enquanto detentor de oportunidades constitutivas e espaços de partilha, tem a oportunidade de continuar em constante desenvolvimento em meio a seus pares sejam eles crianças, jovens ou adultos.

Ainda quanto a valorização das experiências dos(as) idosos(as), Oliveira (et al, 2015, p. 348, grifo nosso) argumenta que:

A valorização da sabedoria do idoso e respeito às suas *experiências* surge como necessidade premente na representação social do idoso e na distribuição mais equitativa do poder, possibilitando uma perspectiva de rompimento com a discriminação generalizada atribuída a este segmento.

Quando as experiências e os saberes geracionais são respeitadas, as possibilidades de construção de interação e representação positiva da terceira idade tornam-se possíveis.

Partindo desse cenário que traça oportunidades para a construção de uma velhice participativa e ativa é que se pode destacar os projetos de Universidade Abertas à Terceira Idade (UATI) como meio de dar visibilidade a esses homens e mulheres que fazem parte da sociedade, por mais que em muitos contextos sejam invisibilizados. Desse modo, a primeira experiência voltada propriamente para uma abordagem de formação mais educacional, do que hoje conhecemos como UATI, surgiu na França em meados da década de 1960. Outras iniciativas já vinham se destacando como aconteceu na Universidade de Michigan e na Universidade de Chicago, durante a década de 1950, mas não estavam voltadas à área da educação (OLIVEIRA, et al., 2015).

No que diz respeito ao Brasil, esses projetos de universidade foram influenciados pelo modelo francês, em especial por meio da participação ativa do Serviço Social do Comércio (SESC), com a promoção de programas não institucionais. Contudo, os programas só foram disseminando-se mais rapidamente a partir da década de 1990, quando diversas universidades brasileiras passaram a desenvolver atividades e abrir espaços educativos para os idosos (SILVA, 2008; OLIVEIRA, et al., 2015).

Além disso, é importante salientar que tais universidades voltadas para atender a demanda do público da terceira idade são responsáveis por promoverem a saúde no sentido de uma melhor qualidade de vida, pois há um trabalho realizado em prol do desenvolvimento físico, mental e social dessas pessoas. Nesse sentido, compreende-se que, em parte, o que acarreta a diminuição da qualidade de vida é a inatividade, portanto, se há um viver ativo e integrado, há continuidade da qualidade de vida (VERAS, CALDAS, 2004).

Diante desse panorama, vinte anos depois da disseminação dessa possibilidade educativa à terceira idade, no dia 6 de março de 2020, no Centro de Extensão José Farias da Nóbrega, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) foi inaugurada a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), criada a partir do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade (PIATI), sob a atual coordenação da professora Dr.^a Keila Queiroz e Silva. No entanto, em detrimento da situação pandêmica, a Universidade Federal de Campina Grande suspendeu suas atividades desde o dia 18 de março de 2020, desse modo, os alunos da UATI, doze dias após à inauguração, tiveram suas atividades suspensas.

Partindo das diversas mudanças ocasionadas perante o novo contexto, pensando nos princípios integradores e da demanda de idosos beneficiados pela UATI, desde o mês de julho de 2020, os(as) alunos(as) vêm experienciando as aulas remotas e desenvolvendo as mais diversas e interativas atividades dentro das possibilidades existentes, em atendimento à Resolução N° 06/2020 da Câmara Superior de Ensino do Conselho Universitário, que regulamentou o Regime Acadêmico Extraordinário (RAE), tratando da oferta de atividades de ensino e aprendizagem remotas durante o atual cenário gerado devido as consequências da Covid-19. Desse modo, a próxima seção ilustra as experiências de algumas das alunas, por meio de suas narrativas, expressando assim, múltiplas vivências com as atividades da UATI de maneira remota.

2. Oficina de memórias: relatos cotidianos de alunas da UATI/UFCG

As condições atuais nos impulsionam à reinvenção dos métodos de escuta das narrativas do sujeito narrador. Desse modo, se antes tínhamos a oportunidade de ir à casa do depoente e mergulhar em sua atmosfera, recebendo as interferências familiares que ora podem nos ajudar ora atrapalham (BOSI, 2004); agora, neste novo contexto,

cada um na sua casa, além dessas prováveis interferências, ainda há a completa dependência em relação aos aparelhos tecnológicos e a própria conectividade (internet). Os recursos tornaram-se múltiplos, mas os desafios também. Diante disso, foi acordado uma reunião via Google Meet, devido a estabilidade desta plataforma e a facilidade desenvolvida pelas alunas ao manejá-la, para que a conversa pudesse se desenvolver.

De modo que, assim como nos sugere Bosi (2004), uma *pré-entrevista* foi realizada, juntamente com a professora orientadora, Dr.^a Keila Queiroz e Silva, para as apresentações e a iniciação do vínculo acontecesse. As trocas dialógicas foram possíveis e instantâneas. Por meio desse contato inicial foi possível estruturar algumas perguntas para que elas pudessem construir seus percursos narrativos, como: o nome ou pseudônimo; – como foram as opções da segunda e terceira entrevistadas, aqui aludidas sob o nome de uma flor e sob o apelido, respectivamente – Como soube da existência da UATI e o que a motivou a ingressar; a experiência com as aulas da UATI nesse período pandêmico e a primeira coisa que vai fazer quando a pandemia acabar.

As alunas entrevistadas ocupam o lugar de pioneiras, constituintes da primeira turma da UATI/UFCG, estão construindo suas experiências e memórias subjetivas e ao mesmo tempo coletivas a partir deste contexto de pandemia e aulas remotas. Por isso, como nos aponta Bosi (2004), a memória dos idosos apresenta pontos distintos que foge da unilateralidade, servindo como mediadoras entre passado e presente. É por isso que ao estudar ou ler sobre algum fato histórico enxerga-se uma visão unilateral dos fatos, algo distante e desligado da realidade. Isso não acontece com aqueles que o vivenciaram e sentiram na pele, o que hoje guardam em forma de memória. É por isso que a história oral é uma mediadora tão importante, pois apesar de não poder se sobrepor aquilo que é fato, possibilita enxergar pontos de vistas distintos e por vezes contraditórios e com isso os desníveis presentes nas experiências de pessoas que compartilharam a mesma época.

A começar pelo que compete a como as alunas Júlia, Rosa e Mundinha conheceram a UATI e os motivos do porquê resolveram se inscrever, ora se aproximam, ora se distanciam. Júlia conheceu a Universidade Aberta à Maturidade (UAMA)⁵, mas através da nora soube que a UFCG estava prestes a inaugurar a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), então resolveu fazer a inscrição e estabelecer esse contato.

⁵ Universidade Aberta à Maturidade (UAMA). Sediada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tem o objetivo de atender idosos(as) a partir dos sessenta anos, contribuindo com a melhoria das capacidades pessoais, funcionais e socioculturais. Isso de acordo com o próprio site: <http://coordenadorias.uepb.edu.br/ciefam/sobre-a-uama/>.

Mundinha participou das atividades da UAMA e as concluiu, então quando ficou sabendo da UATI, por intermédio de uma amiga, logo demonstrou interesse e disponibilidade. Enquanto Rosa conheceu a UATI através da coordenadora, a professora Dr.^a Keila Queiroz e Silva, mas também já vem realizando atividades como o SUPERA e o AtivaMente⁶. Ambas as alunas tiveram na figura de outras pessoas, a mediação necessária para estabelecer esse vínculo e saber da existência dessa nova iniciativa voltada à terceira idade. Ou seja, o quanto é importante esse *outro* que auxilia na construção e reconstrução dessa identidade cultural do *eu*, que se encontra em constante transformação, ao passo que, “A rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como eu na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu” (FREIRE, 2015, p. 64).

Atualmente, ocupando esse lugar de alunas, quando convidadas a narrar um pouco sobre as experiências de ensino-aprendizagem as quais vêm participando através da UATI, as alunas trazem uma visão bastante positiva desse ensino remoto. Rosa esclarece que sempre considerou que essa modalidade de ensino iria funcionar, ao passo que afirma: “Eu achava que ia dar certo mesmo online. Eu achava que a tecnologia ia ajudar e entrei de cara mesmo, não achei que não ia dar certo não, achei que ia dar certo”. De maneira também positiva Julia relata que na UATI, mesmo remotamente: “Aquilo que a gente quer receber a gente recebe, e a gente fica feliz. Esquece até que você tem dificuldade em mexer num computador [...]. Ainda nessa perspectiva positiva, Mundinha afirma: “Eu não senti muita dificuldade, porque eu comecei no celular, aí quando foi um dia eu disse: *eu tendo um computador, eu assistindo na tela desse tamanho do celular, aí eu vou ligar meu computador?!?*”.

Desse modo, Beauvoir (2018), argumenta a ideia de ser difícil para o idoso iniciar uma tarefa nova, aceitar a mudança. Entretanto, os trechos acima apresentam-se enquanto contraponto dessa argumentação, tendo em vista a aceitação positiva das aulas remotas, pois as alunas acham melhor tê-las do que ficar sem as atividades mesmo que via online, o que vai ao encontro com o pensamento de Freire (2019a, p. 97, grifos do autor) ao discutir sua ideia de velhice como o fato de que “Somos velhos ou moços muito mais em função de se nos inclinarmos ou não a aceitar a *mudança* como sinal de *vida* e não a *paralização* como sinal de *morte*”.

⁶ Cursos com uma abordagem cognitiva que visam a ativação e o pleno exercício das capacidades cerebrais (ginásticas cerebrais).

Nessa perspectiva, pode-se refletir, como esclarece Santos (2020), que o ensino remoto tem deixado suas marcas, permitindo em alguns casos o tédio, desânimo, e muita exaustão física e mental; em outros casos percebe-se a dimensão afetiva e dinâmica das relações estabelecidas, é justamente esse segundo caso que contempla os trechos das narrativas supracitadas. Uma visão positiva dessa nova experiência, ao passo que, essas relações estabelecidas, mesmo que online, possibilitam um escape do contexto atual tão devastador. Nesse sentido, continuar engajadas em atividades, vai ao encontro com a afirmação de Beauvoir (2018, p. 280), ao esclarecer que, “Para se defender de uma inércia em todos os sentidos nefasta, é necessário que o velho conserve atividades: seja qual for a natureza dessas atividades, elas trazem uma melhoria ao conjunto de suas funções”.

Outro ponto que podemos destacar na narrativa das alunas, trata-se das congruências a respeito da utilização do *tempo* em casa durante o período pandêmico que perdura há mais de um ano e nos obrigou a mudar hábitos e nos reinventar. Mediante ao exposto, destacamos a fala de Rosa que expõe os meios para fugir da rotina, que pode se tornar por muitas vezes entediante, aproveitando o tempo em casa em consequência do isolamento social que a impede de frequentar os espaços de educativos, religiosos e familiares : “Eu faço questão de manter meu tempo ocupado, porque se eu não tiver o tempo ocupado eu vou me envolver com essa doença e não dá certo”; paralelamente Júlia expõe: “Se eu tive capacidade de fazer, de estudar, de trabalhar, de superar tudo isso; porque eu não vou aproveitar agora se eu tenho tempo?!. Logo, Mundinha disserta a satisfação por estar com aulas remotas: “numa pandemia dessa a gente tá tendo aula em casa, que tem gente que não, não gosta, mas eu acho ruim dia que tá...o dia que não tem. Pois é, já tô viciada nas aulas [risos]”. Vale salientar que as falas demonstram a importância do aproveitamento do tempo livre.

Diante do exposto, acerca do tempo, Freire (2019a) chama a atenção para o fato de ser esse bem vivido à medida que os sujeitos, independentemente da idade, lutem contra os preconceitos, a arrogância e cultive o viver intensamente as tramas que perpassam as experiências socialmente construídas. Diante disso, é perceptível o quanto as idosas vêm construindo e traçando um percurso formativo bastante significativo, pautado na socialização e instrução, mesmo estando fisicamente afastadas, mas intelectualmente e emocionalmente conectadas. Além disso, o tempo livre já

mencionado, apresenta-se sendo ocupado devido a participação na Universidade Aberta à Terceira Idade.

Partindo dessas reflexões postas nas narrativas, inferimos que as três estão construindo o que Bosi (2004, p. 23) vai chamar de “Tempos Vivos” (aqueles que tiramos proveito) e não “Tempos Mortos” (aqueles que desperdiçamos ou apenas suportamos), ao passo que foi através da UATI que elas encontraram uma forma de tornar o que seriam Tempos Mortos (desperdiçados ao se verem enclausuradas em seus lares) em Tempos Vivos (de onde tiraram aprendizagens, oportunidades de socializar e distrair).

No que compete as diversas atividades realizadas foram citadas por elas atividades como: aulas com profissional da educação física (cuidado com o corpo, exercícios), psicologia (cuidado com a mente), saúde (aula com um médico geriatra para discutir como envelhecer bem), letras (apreensão de outro idioma) e tantas outras de uma diversidade múltipla. Dentre as diversas atividades, algumas se mostraram um grande desafio para elas, no caso de Júlia e Mundinha, as aulas de francês foram as mais desafiantes, como elas mesmas, respectivamente, deixam claro:

A única disciplina que eu tive dificuldade foi a de francês. Quando a professora falava...porque eram duas estagiarias, ótimas elas. Só que eu, o defeito era meu, eu não conseguia aprender. Eu tive mais dificuldade, mas alguma coisa eu aprendi, mas tive mais dificuldade, foi o francês.

Olha, a...as aulas de francês eu sou uma negação (risos). Eu não aprendi quase nada, só...só...só sei falar *bonjour* (risos), não sei di... não sei nada em francês. Nada em outra língua. Num vou dizer que sei, que eu estou mentindo. Tem que falar a verdade.

Já para Rosa, umas das atividades da disciplina de História de Vida mostrou-se muito desafiante e até mesmo inviável devido ao atual momento pelo qual estava passando. A atividade que solicitava a construção da árvore genealógica. Ela destaca que:

[...] quando fui fazer minha árvore genealógica notei que muita gente que já tinha ido, aí eu fiquei muito triste acho que como eu estava em depressão eu fiquei mais triste ainda, fiquei muito triste mesmo e parei das aulas com ela, entendeu? Mas a UATI tem me ajudado muito, muito mesmo.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas alunas, elas não se deixaram vencer pela insegurança e pelo medo, pois como nos convida Freire (2015) a refletir sobre o sujeito temeroso, esse é perpassado pelo sentimento de insegurança. No entanto,

o medo sempre vai existir, só não pode ser um paralisante para os sujeitos. Diante disso, o autor aponta três direcionamentos para que os indivíduos possam lidar com o medo, assim:

Diante do medo, seja do que for, é preciso que, primeiro, nos certifiquemos, com objetividade, da existência das razões que nos provocam o medo. Segundo, se existentes realmente, compará-las com as possibilidades de que dispomos para enfrentá-las com probabilidade de êxito. Terceiro, que podemos fazer para, se for o caso, adiando o enfrentamento do obstáculo, nos tornemos mais capazes para fazê-lo amanhã. (Ibidem, p. 47-48).

Desse modo, resgatando os trechos das narrativas anteriormente citadas, podemos inferir que apesar das dificuldades, as senhoras Júlia e Mundinha seguiram em frente, sabendo das razões que as assustavam, mas articulando com as possibilidades que detinham para enfrentar os obstáculos naquele momento. Ambas chegaram à conclusão de que não dominam o idioma, mas o processo de socialização e as amizades que estabeleceram com as professoras e as colegas transformou o processo difícil em satisfatório. Por outro lado, a senhora Rosa, optou por conversar com a professora da disciplina e adiar o que naquele momento era um grande obstáculo, uma decisão também sábia, podemos constatar, tendo em vista que pretende tornar-se mais forte para voltar à disciplina e superar as problemáticas geradas pela aposentadoria, isso porque “As angústias geradas pela aposentadoria desembocam por vezes em longas depressões” (BOUVOIR, 2018, p. 280), o que lhe acometeu, tendo a pandemia como agravante.

De maneira a concluírem suas narrativas, quando perguntamos a primeira coisa que gostariam de fazer quando todo esse período pandêmico terminar, as respostas são diversas. Dona Júlia destaca sua vontade em abraçar todos os seus amigos, pois ama abraços e é algo que sente falta nesse período de distanciamento social e visitar a filha em outro estado. Dona Rosa explicita a vontade de visitar as irmãs e continuar dedicando-se a UATI e aos cursos do SUPERA e do AtivaMente. Ademais, Dona Mundinha enfatiza sua vontade de voltar a igreja e poder assistir as cerimônias religiosas presencialmente.

Sendo assim, os desejos carregam as subjetividades e particularidades de cada uma delas enquanto individuais, mas o sentimento maior que as constituem e perpassam seus fazeres juntamente com a UATI, é, verdadeiramente, o de esperança. Não a esperança no sentido da pura espera, como nos esclarece Freire (2019); mas a esperança munida de ação, de reflexão e engajamento; tendo em vista que estamos em constante

transformação. Nesse caso, é o continuar, da melhor forma possível pensando, fazendo e refazendo a educação em tempos desafiadores. Isso acontece à medida que a UATI/UFCG existe, pois tem as idosas e devido as idosas encontrarem nessa instituição uma fonte de apoio para resistir a estes tempos difíceis, fugindo do fatalismo e do imobilismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciamos hoje, uma pandemia mundial que certamente entrará para história e que como todos os outros acontecimentos que a antecederam, irá aos poucos perder sua atualidade e conseqüentemente ganhar um caráter distante e unilateral. Mas não para nós, que sentimos o peso das mudanças, o medo das perdas e a dor de constatar o número alarmante e crescente de mortes, por muitos ignorados.

Ademais, se historicamente, de acordo com o que pudemos constatar, a Universidade Aberta à Terceira Idade surgiu com o propósito de propiciar ao público da terceira idade uma velhice ativa e participativa, esses objetivos também perpassaram e perpassam a construção da UATI/UFCG; tendo em vista que as narrativas das alunas apontam para um ensino articulado sob um sentido de cuidado, atenção e valorização de cada uma delas. Desse modo, as alunas da UATI/UFCG encontraram nessas aulas remotas, maneiras de escapar um pouco da monotonia dos dias pandêmicos, e até uma forma de alegar-se nesses dias tristes e de tantas problemáticas pessoais e coletivas. Mesmo que tenham começado pelas vias remotas, a visão positiva do processo de ensino-aprendizagem perpassa ambas as narrativas, demonstrando uma aceitação das mudanças transcorridas devido às conseqüências da pandemia à educação.

Ademais, mesmo que distantes umas das outras, articularam maneiras de aprender juntas, compartilhar as vivências e desafiarem-se quando se deparam com novas aprendizagens. Portanto, entre um paralisar-se diante do cenário complexo, decidiram continuar enfrentando medos, receios e acolherem as novidades e múltiplas atividades; perpassadas pelo sentimento de esperança e pela crença em dias melhores.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice** [recurso eletrônico] / tradução Maria Helena Franco Martins. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios sobre psicologia social. 2^a. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não** [recurso eletrônico] cartas a quem ousa ensinar. 24^a. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **À sombra desta mangueira**. 12^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 26^a. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.

OLIVEIRA, R. C. S; SCORTEGAGNA, P. A; OLIVEIRA, F. S. Universidades abertas a terceira idade: delineando um novo espaço educacional para o idoso. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n° 64, p. 343-358, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641945>. Acesso em: 28 mar. 2021.

PASINI, C. G. D; CARVALHO, E; ALMEIDA, L. H. C. **A educação híbrida em tempos de pandemia**: algumas considerações. 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia>. Acesso em: 07/05/2021.

PALÚ, J; SHAUTZ, J. A; MAYER, L. (Orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, **Revista Docência e Cibercultura**, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 07/04/2021.

SILVA, K. Q. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p. 278. 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Resolução N° 06/2020**. Regulamenta o Regime Acadêmico Extraordinário (RAE), que trata da oferta de atividades de ensino e aprendizagem remotas durante a execução do período suplementar 2020.3, para a Universidade Federal de Campina Grande, no cenário de excepcionalidade sanitária provocada pela COVID-19. Disponível em: <http://sods.ufcg.edu.br/index.php/camara-ensino/resolucoes>. Data de acesso:07/04/2021.

VERAS, R. P; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 9(2):423-432, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.